

Entre as teorias platônicas e a lógica fregeana: um legado para a gramática gerativo-transformacional

Dirceu Cleber Conde

Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Trindade, Fone: (48)331-9581/Fax: (48)331-6604, 88040-970, Florianópolis-Santa Catarina, Brazil. e-mail: pgl@cce.ufsc.br

RESUMO. O presente trabalho pretende fazer algumas reflexões a respeito das possíveis relações entre a teoria da lógica do filósofo alemão Gottlob Frege e o platonismo, que influenciaram a moderna lingüística de Noam Chomsky. Trata-se de um trabalho em Filosofia da Linguagem, com o objetivo de despertar o interesse nos estudos em epistemologia - muito importante para a compreensão dos diversos conceitos de linguagem, auxiliando alunos da graduação e pós-graduação que se dedicam a esse objeto. No decorrer do trabalho, ficam claras as relações entre mundo das idéias, lógica e semântica. Para tanto, nosso artigo está dividido em três partes - além da introdução e da conclusão. Primeiramente, compomos um quadro geral com os principais pressupostos da teoria platônica; em um segundo item, discutimos conceitos de linguagem conforme a filosofia e finalmente no terceiro, estabelecemos a relação entre Platão e Frege, bem como a recorrência de suas teorias na Gramática Gerativo-Transformacional.

Palavras-chave: platonismo, lógica, semântica.

ABSTRACT. Between Platonic theories and Fregean logic: a legacy for transformational grammar. This paper is a reflection on the possible relationships between Frege's theory of logic and Platonism, which strongly influenced Noam Chomsky's modern linguistics. In the field of philosophy of language, this paper intends to arouse the interest in epistemology - very important to understand different concepts of language and very helpful to both undergraduate and graduate students involved in this subject. In the course of the paper, the relationship between the world of ideas, logic and semantics are clarified. Therefore it is divided into three sections - besides introduction and conclusion: first, a general picture with the principles of Plato's theory is provided; second, the concepts of language according to philosophy are discussed and finally the relationship between Plato and Frege, and the recurrence of their theories in transformational grammar are established.

Key words: platonism, logic, semantics.

Nosso objetivo, neste trabalho, é tentar compreender as relações existentes entre o pensamento de Gottlob Frege e as teorias de Platão. Pretendemos encontrar, no texto de Frege, os elementos que deixam transparecer referências ao platonismo, uma vez que o autor alemão não se declara platonista, mantendo um certo silêncio.

O trabalho se justifica pela necessidade do aprofundamento nas possíveis leituras que o texto fregeano permite e pela compreensão cada vez mais próxima de sua realidade e os pressupostos teóricos, dando certa contribuição para os estudos sobre a semântica e seu desenvolvimento, pois na relação entre mundo e linguagem (objeto da Semântica),

tanto Platão quanto Frege são pioneiros, mesmo em momentos históricos diferentes. Outra justificativa é a importância de uma visão mais consciente do pensamento ocidental para visualizar melhor o quadro teórico em que contemplamos as perenes discussões entre "empiristas" e "platonistas".

Para uma melhor compreensão do tema, faremos uma retomada da teoria platônica, estritamente no que tem a ver com nosso objetivo; em seguida, buscaremos identificar em que Frege recorre a Platão no tocante à concepção de linguagem. Por fim, faremos um rastreamento do pensamento platônico em relação às concepções fregeanas e em quais aspectos esta teoria pode ser relacionada com

aquela. No aã dessa busca, encontramos outra teoria intermediária entre esses dois pensamentos: a Gramática Gerativo-Transformacional (doravante GGT), a qual também comentaremos, para comprovar a pertinência epistemológica das contribuições de Platão e Frege.

Princípios gerais do platonismo

A principal doutrina de Platão é a das “idéias” (Abbagnano, 1970:496). Ela é a mola mestra de todo o pensamento platônico e por isso foi a que, ao nosso ver, mais se popularizou. É comum o platonismo ser lembrado em discussões filosóficas e científicas, seja para servir à confirmação ou à negação de um pensamento; ou simplesmente, “aparece”, como em Frege. Pretendemos simplesmente dizer que Frege não assumiu diretamente uma postura platonista, mas que alguns índices denunciam essa vertente em seu pensamento. Uma vez que seu silêncio perante o assunto nos textos em que vamos nos deter é tão marcante quanto se tivesse citado o filósofo grego, propomo-nos a observar em que dimensão existem as possíveis relações entre os dois filósofos.

O que veremos mais adiante pode nos mostrar que, em suas especulações, o lógico alemão chegou a um denominador comum que mais tarde influenciaria o lingüista Noam Chomsky. O paralelo entre Frege e Chomsky está mais evidente - como veremos mais adiante - que entre Frege e Platão, porque o teórico norte-americano assume explicitamente uma posição moderna do platonismo.

Para darmos início a nossa discussão, vamos adotar o termo **mundo das idéias**, deixando claro que não se trata de um “lugar” metafísico da existência, mas de um conjunto das “idéias”, apreendidas pelo ser humano em sua vivência, pois a “idéia” era, para Platão, a lei ou o princípio essencial do ser. Decorre disso o conceito de Uno, como aparece em Parmênides (Platon, 1975:131):

Diga-me, tu acreditas na existência de certas formas; as coisas, pelo fato delas estarem no mundo, (...) compartilham em semelhança os fatos semelhantes; em grandeza, os grandes; em beleza; os belos; em justiça os justos?

Perfeitamente, responderia Sócrates.(...)

Ela [a forma] permanece una e idêntica, e não é menos presente, inteiramente por sua vez, em certas coisas múltiplas e descontinuadas, desta maneira ela seria separada dela mesma.

Não exatamente, é como o dia que um é idêntico ao outro e está em vários lugares ao mesmo tempo sem ser separado dele mesmo, é a este exemplo que nós pousamos qualquer forma como unidade onipresente e portanto idêntica.

A idéia do ser não está separada dele em outro mundo, mas presente nele em suas leis ou em seus princípios. Todavia, a atualização (ou presentificação) desse ser essencial é imperfeita e incompleta no mundo sensível. Assim, podemos dizer que de um Uno, essencial, nasçam suas versões múltiplas. Por exemplo, no mundo das idéias, existiriam a “Cama”¹ ideal, a régua ideal, e o retângulo ideal, que serviriam de exemplos para todas as atividades de um artífice que produz um objeto como a cama de madeira. Esses objetos pertenceriam ao conhecimento do homem, porque sua alma reencarna a cada passagem pelo mundo, apreendendo as leis que renascem com ele. Assim, na vida, o homem só relembra as suas experiências anteriores de maneira essencialista, ou seja, ele reconhece leis universais por tê-las apreendido em vivências anteriores, por isso, para o platonismo, o homem já nasce com os conhecimentos, logo se trata de um inatismo essencialista.

Quanto à característica dos objetos, Platão afirma que nem todos os seres têm essência, enquanto outros, possivelmente tenham seu correspondente metafísico, ideal. Por isso há uma distinção entre três classes hierarquicamente organizadas dos objetos (cf. Abbagnano, 1970:499): 1) objetos dos quais se pode afirmar, com certeza, que existem no mundo das idéias, como por exemplo, objetos matemáticos como o número um (em essência), muitos, igualdade e os valores como a Verdade, o Belo etc.; 2) objetos dos quais há dúvida de que existam idéias correspondentes, como por exemplo, elementos naturais como o fogo, a água, o homem; 3) objetos que não existem com certeza, as coisas comuns, como o cabelo, uma fita, Ulisses (a personagem).

Aproveitando o que diz Nortop (apud Abbagnano, 1970:500), podemos desmitificar a concepção de mundo das idéias como mundo das supercoisas: não se trata da existência de “supercoisas” - como ficou vulgarizado durante muito tempo -, mas de um mundo de princípios físicos, matemáticos e éticos que permitem ao homem compreender o mundo sensível e agir sobre ele. Por exemplo, um serrote pode cortar a madeira porque uma lei, cujo teor determina que, se um ferro dentado fere a madeira friccionando-se contra ela, partículas são desagregadas, e a madeira se fende. Essa lei física, em sua expressão qualitativa, é o que permitira a fabricação e a utilização de uma “banqueta”, outro objeto também presente no mundo das idéias. Assim, a imagem imutável da banqueta nesse mundo expressaria as estruturas

¹ A “Cama” foi um exemplo utilizado por Platão no Livro X do diálogo *República*.

matemáticas que sustentam a sua existência no mundo sensível. De tal modo que uma superfície achatada (seja de qualquer forma plana conhecida), de material resistente (a madeira) se apoia sobre quatro hastes (sejam elas cilíndricas, cubiformes etc.) igualmente resistentes, dispostas entre si verticalmente em proporções de distâncias idênticas e que sejam proporcionais em massa à superfície, podendo suportar o peso de um homem que se assenta sobre ela. Nesses termos, teríamos o objeto ideal, no sentido da lei, dos princípios que servem para instrução daquele que o fabrica. Essa banquetta é um objeto reconhecido e fabricado pelo homem, através de suas reminiscências, ou seja, as recordações. Da mesma forma, os sentimentos de justiça e beleza são inspirados pelas lembranças.

O marceneiro que faz uma banquetta sem precisar de uma amostra de tal objeto simplesmente aprendeu com seu mestre ou nele reside uma vaga idéia dos princípios físicos e matemáticos? Para compreendermos melhor esse princípio, façamos algumas reflexões mais consistentes a respeito do caráter da “reminiscência”.

Para Platão, as reminiscências existem no homem como lembranças de outras vidas, como já dissemos acima. Ele se opôs ao “mito segundo o qual a alma é imortal e, portanto, nasceu e renasceu em muitas ocasiões, de modo que tudo foi visto, seja neste mundo ou noutro pelo que em determinadas circunstâncias pode recordar o que sabia em princípio” (idem, pág.55)². Assim, aprender alguma coisa é relembrar, porque, ao passar pelo mundo, o homem conseguiu se aproximar da essência das coisas, ou seja, entrou em contato com o mundo das idéias. Esse tipo de predeterminação está no diálogo *Mênon*. O famoso exemplo que Platão (na figura de Sócrates) utiliza, questionando um escravo sem instrução, consegue provar que esse escravo compreendia princípios de trigonometria sem os ter estudado. Tal experimento provou - no contexto da época - que o homem dispõe de uma herança que lhe permite desenvolver atividades sem que necessariamente as tenha aprendido. Hoje, poderíamos chamar as reminiscências de “princípios universais genéticos”.

Ainda dentro da doutrina das idéias, o que devemos também ter em mente é que o mundo das idéias é imutável; já o mundo sensível não, pois está em constante variabilidade. Isso nos demonstra a

multiplicidade que dá princípio à existência de várias coisas originadas da mesma essência. Assim, utilizando o exemplo da banquetta, teremos no mundo sensível mais de uma espécie de banquetta, uma diferente da outra. E ainda se forem da mesma espécie, também são diferentes entre si mesmas, visto que a idéia de tal objeto é única e sua atualização sempre imperfeita. É por causa desta única que nós conseguimos reconhecer as demais no mundo sensível, porque a essência do ser carrega em si as estruturas básicas para o seu reconhecimento, e nós trazemos internalizados os conceitos desse e de todos os objetos que podemos reconhecer e aplicamos o mecanismo à realidade sensível.

Mais uma vez é necessário lembrar que a Verdade, o Belo, enfim as virtudes, também - segundo Platão - estão internalizados em nossa alma, faltando apenas despertar esses princípios em nosso conhecimento. Todavia, os objetos como as Virtudes não têm o mesmo *status*, ao nosso ver, que têm os outros seres do mundo das idéias, como as operações aritméticas, os números etc., de maneira que a Beleza, a Justiça, a Grandeza estão em um campo ético das leis. Por isso não discutiremos esses aspectos neste momento, deixando esse complexo assunto para outra oportunidade.

Da mesma forma que não há provas reais da existência de um mundo metafísico, também não há provas de sua não existência. Mas para provar que ele existe, os filósofos tentam alcançar a Verdade, o meio possível é através do pensamento dialético³ e para se pensar é necessário uma linguagem. Nasce aqui outro impasse para a apreensão da Verdade: a linguagem natural é cheia de ambigüidades, como se chegar à Verdade sem se perder em emaranhados de sentenças ambíguas? Platão não tratou especificamente desse problema - lembrando que o diálogo *Crátilo* versava sobre nomeação. Por sua vez, Frege reconhece não ser a linguagem natural apropriada para alcançar a Verdade, portanto seria necessário desenvolver uma linguagem mais próxima das essências; livre de enganos e da ambigüidades, diferentemente da linguagem natural, constituindo a uma **linguagem conceitual**⁴. Assim, toda a questão do mundo das idéias e seu caráter metafísico serão base para os futuros estudos da Semântica, no caso de Frege, e depois a sintaxe na teoria de Chomsky, como veremos nos próximos itens.

² Platão se contrapõe ao mito da imortalidade, no sentido de que cada alma só morre uma vez e passa o restante de sua existência em um lugar (Hades, da mitologia grega). A mortalidade da alma consistiria no seu caráter de morrer e reencarnar por vezes infinitas, ou seja, morre várias vezes, bem como renasce.

³ O termo “dialética” tem basicamente quatro sentidos na história da filosofia: a) método de divisão; b) lógica do provável; c) lógica; d) síntese dos opostos. Platão adota o termo em sua primeira concepção, porque via no processo de divisão de uma idéia a maneira mais adequada, analisando-a em partes, para depois uni-la novamente em um todo coeso.

⁴ Frege tem o desejo de alcançar a Verdade através de uma *Begriffsschrift*, (ver Frege, 1978, pág. 61).

Passemos adiante e tratemos de outro aspecto de suma importância para nosso trabalho e que terá relação direta com a problemática da linguagem.

Até onde observamos nos textos platônicos, não encontramos referências claras a uma possível interpretação do mundo das idéias como um mundo **público** - denominação usada por Frege. Porém, ao julgar, dentro do sistema platônico, que todos os homens compartilham da percepção dos mesmos objetos e que também morrem e ressurgem, possuindo uma mesma predisposição, podemos concluir que o mundo das idéias tem um caráter público. Essa aproximação permite que os homens estabeleçam comunicação mesmo que passiva de erro⁵, e isso já indica um progresso, pois, se houvesse incompreensão total de cada uma das partes envolvidas, não haveria comunicação. O sentido público fica claro quando percebemos que um grupo social compartilha de uma mesma língua e do mesmo pensamento⁶, deixando de lado as imagens individuais projetadas sobre a realidade, de tal maneira que a “idéia” ou “pensamento” é unívoca no seu conteúdo público.

Veremos agora que a questão de um mundo público está baseada em dois conceitos de básicos em Frege: **sentido** e **referência**. Observemos a seguinte citação:

É, pois, plausível pensar que exista, unido a um sinal (nome, combinação de palavras, letra), além daquilo por ele designado que pode ser chamado de sua referência, ainda o que eu gostaria de chamar de o sentido do sinal, onde está contido o modo de apresentação do objeto. Conseqüentemente, segundo nosso exemplo, a referência das expressões “o ponto de interseção de a e b” e “o ponto de interseção de b e c” seria a mesma, mas não seus sentidos. A referência de “Estrela da Tarde” e “Estrela da Manhã” seria a mesma, mas não o sentido. (Frege, 1978:62)

Assim, há três entidades envolvidas no processo: um sinal, uma referência e um sentido. O sinal designa (nomeia) a referência, ou seja, o objeto no mundo, e o objeto contém a essência. O sentido constitui o caminho que se faz para se chegar a uma referência. Em “Estrela da Tarde” e “Estrela da Manhã” temos o mesmo referente: o planeta Vênus, entretanto temos sentidos diferentes para o mesmo ser, único no mundo. É por isso que podemos ter mais sentidos que referência na linguagem natural, problema que Frege gostaria de resolver com sua

linguagem conceitual. Esta, por sua vez, poderia dar conta de uma linguagem lógica, objetiva e sem “erros”, capaz de referenciar aquilo que é único e objetivo. O que queremos deixar bem claro é que a relação entre o **mundo das idéias** (Platão) e o **mundo da referência** (o mundo da razão pública, conforme Frege) é muito grande, porque ambos são imutáveis, essenciais e independentes dos homens; enquanto que o **mundo sensível** (novamente Platão) e o **mundo do sentido** (novamente Frege) são variáveis, tornando-se caminhos que podem ou não alcançar a Verdade das coisas, porque dependem da interpretação humana.

O que vai existir de mais relevante em Frege e Platão é justamente o mundo das idéias, chave principal para a lógica e a matemática como expressões das essências que existem no mundo objetivo. Outro aspecto também é o fato de eles descreverem da verdade das coisas sensíveis, enfim, descreverem do que os “sentidos” nos afirmam.

Diferentes concepções de linguagem na filosofia

Neste terceiro item, propomo-nos traçar uma visão geral sobre as principais concepções de linguagem na filosofia, com a finalidade de encontrar qual delas Frege tomou, mesmo não querendo desenvolver uma teoria da linguagem, que indubitavelmente refletiu sobre seu pensamento, e se há uma relação dessa concepção com a que surgiu com o platonismo.

Existem quatro principais correntes que ilustram o pensamento sobre a linguagem cuja discussão tem origens pré-socráticas. Segundo Abbagnano (1970), o ponto de partida é a “intersubjetividade”, ou seja, o que torna um signo público, assim as correntes tiveram as seguintes orientações: 1^a) a linguagem como convenção; 2^a) a linguagem como natureza; 3^a) a linguagem como escolha e 4^a) a linguagem como acaso. Platão já conhecia as três primeiras correntes - as duas primeiras por serem pré-socráticas e a terceira desenvolvida por ele mesmo. Já a quarta tese é uma versão da terceira e tem figurado até nossos dias em visões estruturalistas da língua.

O **convencionalismo** propõe que as pessoas têm socialmente e convencionalmente a designação dos objetos, não tendo nenhum princípio explícito ligando o signo com o objeto. Embora seja um pensamento pré-socrático, Aristóteles foi o primeiro a formalizá-lo: o objeto é o mesmo para todos da mesma forma que as letras, os sons e as imagens o são. Os objetos convencionais são as letras, os sons e as idéias, porque o objeto está vetorialmente direcionado à consciência, logo ele não precisa de

⁵ O “erro” deve ser entendido como o não alcançar uma comunicação satisfatória, em que uma das partes envolvidas não compreende.

⁶ “Entendemos por pensamento, não o ato subjetivo de pensar, mas seu conteúdo objetivo, que pode ser propriedade comum de muitos.” (Frege, 1978, pág. 67).

convencionalidade, apenas os sinais que valham por ele precisam ser convencionais.

A tese **naturalista** da linguagem se baseia em quatro outras teorias filiadas: teoria da *interjeição*, da *onomatopéia*, da *metáfora* e da *imagem lógica*. Não nos deteremos em explicar detalhadamente cada uma dessas teses, por isso queremos traçar apenas um panorama geral da sua matriz. A tese natural é a chamada “apofântica”, porque está intimamente ligada ao seu objeto de representação. Por exemplo, na teoria da interjeição, o homem conceberia a linguagem a partir de sentimentos internos, não sendo necessariamente um fator social, mas um “grito”, que nascido da alma se transformaria em linguagem sistematizada ao passar do tempo, conforme Rousseau em a *Origem das línguas*.

Nas duas primeiras grandes teorias, encontra-se um ponto em comum: ambas não poderiam reconhecer o falso dentro de suas sentenças, pois se a primeira tese (convencional) sustenta que toda a significação depende da arbitrariedade convencional, o signo não precisa ser corrigido, porque ele se aproxima da verdade através da convenção. No caso da tese naturalista, os signos igualmente não precisariam ser corrigidos, porque estão ligados aos objetos, e simplesmente existem, sendo a linguagem o reflexo deles, o que quer dizer que ambos não podem expressar o falso, o que não acontece nas línguas naturais, uma vez que podemos criar frases que não resistem à prova lógica.

A terceira doutrina, a da **escolha**, proposta por Platão no diálogo *Crátilo*, demonstra que o que faz o significado das palavras não é sua ligação nem com objeto, nem a pura convenção, mas o seu emprego em situações diferentes. Decorre disso o problema da significação e sua imprecisão. Esse tipo de pensamento permeia a lingüística moderna e abre o leque da linguagem para a falha. Assim, a linguagem pode ser admitida como elemento passivo de **juízo**, o que não acontecia nas duas primeiras teorias. Não se trata de uma suposta infalibilidade da língua, nas teorias naturalista e convencionalista, mas de reconhecermos que, assim como algumas coisas podem ser associadas em uma frase, outras não; na linguagem, uma má associação resultaria em erro. O discurso se comporta da mesma forma, visto que há elementos constantes que podem ser associados a outros na composição de orações, assim, como há partes que não o podem, então concluímos com Platão que “A linguagem nasce da união recíproca das espécies” (apud Abbagnano, 1970:594). Isso quer dizer, por exemplo, que normalmente um nome se junta a um verbo e constrói uma oração, porque há reciprocidade entre essas duas partes.

É possível, nessa terceira tese, entrever que existe um princípio de composicionalidade, no sentido lógico, e, por extensão, desde a junção dos fonemas para a formação da palavra até as classes gramaticais em suas categorias sintáticas para formar as orações. Trata-se, assim, de um princípio presente na linguagem em seus diferentes níveis de composição. A **escolha** a que se refere a tese platônica não se trata de uma escolha espontaneísta, mas regida por princípios presentes num todo orgânico de uma máquina de produzir enunciados. Esse todo orgânico pode ser entendido como os princípios sintáticos da linguagem estudados em um primeiro momento pela lógica formal de Frege e depois pela Gramática Gerativo-Transformacional (GGT), como desdobramento epistemológico da semântica lógica. É bem provável que exista uma interseção entre as teorias de Frege e a GGT, tendo como ponto de partida o pensamento platônico em vários aspectos, e um deles pode ser o mundo das idéias, mas em desenvolvimentos peculiares como poderemos ver mais adiante.

Um outro aspecto que deve ser tomado em conta é o fato de que as outras formas anteriores de ver a linguagem não tinham previsto a possibilidade de se falar do que não existe, ou seja, aquilo que é inventado. A teoria naturalista não poderia dar conta dos enunciados cujas partes não tivessem correspondência com a realidade; por exemplo, não se poderia falar de um ser mitológico. Já o convencionalismo não poderia dar conta de metáforas novas, porque ultrapassaria o quadro do que é convencional em determinado momento. Enfim, ambas as teorias não eram capazes de dar conta de inúmeros fenômenos que a língua natural proporciona, como é o caso da criatividade - fator previsto em Platão, em Frege e finalmente em Chomsky.

A quarta teoria, a do **acaso**, propõe muito mais ao nosso ver uma metodologia para a apreensão das línguas naturais que uma explicação em si da linguagem. Ela se pauta em dados estatísticos. A língua se comporia pela totalidade de ocorrências de seus vários fenômenos. Abbagnano (1970) compara a língua à física macroscópica, que não é mais que a soma de fenômenos da física microscópica. Esse pensamento influenciou muito a lingüística contemporânea, de modo que o trabalho de Saussure e dos pós-saussureanos se basearam em prerrogativas estatísticas para demarcar línguas. Mas, ao nosso ver, não é uma concepção que explique em si a linguagem e muito menos o ato de significação e composição de frases.

Nós acreditamos que existe afinidade entre a concepção de linguagem proposta por Platão e a concepção que norteou a linguagem conceitual de Frege, pelos seguintes motivos: na concepção platonista como na linguagem conceitual, há a tese do “erro”⁷, na qual a linguagem natural é falha e, segundo o próprio Frege, é impossível recriar a lógica através dela. Ele “(...) cria que as linguagens naturais são instrumentos deveras precários para expressar o pensamento.” (Dummet, 1990:190). A citação de Dummet mostra que Frege nunca pensou em desenvolver uma teoria semântica, aliás é um paradoxo dizer que o tenha feito. O seu repúdio para com a linguagem natural tinha um princípio metodológico, visto não ser possível através dela descobrir com segurança os caminhos da Verdade.

Quando Platão fala em espécies, podemos associar ao que Frege disse das “partes” de uma equação ou de uma sentença: “As sentenças assertivas podem ser entendidas, assim como as equações ou expressões analíticas, como decompostas em duas partes, uma completa em si mesma e a outra necessitando de complementação, sendo insaturada” (Frege, 1978:46). É justamente nesse aspecto que se encontram as leis de restrição ou de escolha propostas na terceira visão sobre a língua, falando-se da mutualidade entre as “espécies”. Para ilustrar, podemos usar a seguinte fórmula: X *rasgou* Y, onde X é um argumento, o verbo “rasgar” é um predicado e Y o segundo argumento exigido por um predicado de dois argumentos:

X	rasgou	Y
Paulo	rasgou	suas vestes.
O menino	rasgou	o papel.
Costa e Silva	rasgou	a Constituição.

A parte saturada a que se refere Frege pode ser exemplificada pelos nomes e sintagmas nominais “Paulo”, “o menino”, “Costa e Silva”, “as vestes”, “o papel”, “a Constituição”, porque têm sentido completo e podem referir, por isso constituem argumentos. Já os espaços “X” e “Y” representam os vazios à espera de uma determinação requisitada pelo predicado “rasgar” (tomado como predicado de dois argumentos), porque é insaturado de sentido, não tem referência em si próprio. Assim, os **espaços** (argumentos) representados por “X” e “Y” são intermediados, não têm referência até que sejam ocupados por elementos que possuam referência

como os nomes elencados acima. Portanto, uma sentença pode ser compreendida como o resultado de uma função, que realiza o trabalho de relacionar “conjuntos”, no caso do exemplo dado acima, é o conjunto dos seres que podem rasgar e o conjunto dos seres que podem ser rasgados. Mais uma vez estamos diante de uma relação entre espécies.

Frege pretendia construir um sistema de significação que escapasse ao problema das línguas naturais. Ele tentava fazer aquilo que os filósofos platônicos sempre quiseram: chegar até a essência dos seres, em especial, à Verdade. Como vimos no primeiro item, que a essência do ser são seus princípios (o Bem, a Justiça, a soma, um número), podemos inferir que a linguagem, em um sistema lógico de formulação de **predicados** e **argumentos**⁸, possivelmente chegue até a verdade das coisas.

Tanto a visão de Frege quanto à de Platão comungam segundo o princípio da linguagem como instrumento para alcançar a verdade. Para o filósofo grego, o meio era a dialética; para o lógico alemão, só através da análise lógica (analítica) do enunciado. Assim, a busca de uma linguagem ideal, bem como a possibilidade de geração de enunciados, unem a lógica moderna e a Gramática Gerativa em uma mesma epistemologia - o platonismo, como veremos no próximo item.

Aspectos platônicos no texto fregeano

É necessário esclarecer que tomamos como base para nossos estudos apenas os textos “Sobre sentido e referência” e “Função e conceito” (Frege, 1978), porque trazem mais conteúdos para o objetivo de nosso trabalho e para os estudos aos quais nos dedicamos.

Primeiramente retomemos alguns princípios de Platão. Ele previu que, no mundo sensível, as coisas não são eternas como no mundo das idéias - elas sofrem variações. Portanto, acontece de termos centenas de diferentes tipos de cama (utilizando o exemplo empregado por Platão), mas todas com o mesmo princípio, de maneira que o denominador comum entre elas é o único ser e sua essência, concebida por uma mente superior à nossa, ou seja, o princípio demiúrgico.

Se transferirmos esse pensamento para o campo da linguagem, encontraremos para uma mesma essência vários nomes, e tal pensamento fica bem claro no diálogo “Crátilo” quando Platão - na figura de Sócrates - discorre sobre os nomes atribuídos por

⁷ Para Platão, a capacidade de se falar daquilo que não existe; para Frege também isto, e além, os erros de ambigüidade.

⁸ Ver o artigo de Frege “Função e conceito”, In **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.

homens e por deuses. Não podemos afirmar que se quis em algum momento principiar uma discussão sobre sinonímia, mas o princípio dela se encontra nesse diálogo. Em consequência, a inexatidão dos nomes para com seus referentes acaba sendo um flagrante na língua natural e, neste aspecto, Frege e Platão têm muita afinidade por perceberem semelhantemente o problema: “Meu bom Hermógenes, exatidão dos nomes, não a conheço.” (Platão, [s.d.]:113) e “Para um conhecimento total da referência, exigir-se-ia que fôssemos capazes de dizer, imediatamente, se um dado sentido pertence ou não a essa referência. Isto, porém, nunca conseguiremos.” (Frege, 1978:63). Se entendermos por sentido o caminho percorrido para se alcançar o objeto do mundo “público”, conforme deseja Frege, podemos dizer, nas palavras de Platão, que nunca se chega a verdadeira relação entre nome e coisa, de uma maneira exata. E esta é uma característica marcante nas línguas naturais e até mesmo as linguagens lógicas podem se deparar com esse tipo de problema, mesmo que pretensamente queiram estabelecer uma relação direta. Por isso fica compreensível a idéia de se chegar a um objeto por diferentes sentidos, fica claro o pensamento de que “ $a = a$ ” e “ $a = b$ ”, desde que todos os sinais se refiram ao mesmo ser.

Se pensarmos superficialmente, teremos, nas expressões acima, a produção de uma formalização simples, e não uma expressão natural. Ela é convencional em seus princípios demonstrativos, mas totalmente natural e fruto do arcabouço do mundo das idéias, porque reproduz a essência da estrutura e as leis de igualdade presentes nele. Vale lembrarmos que o mundo das idéias é um mundo de Princípios, e queremos aqui entender princípios como toda sorte de lei geral encontrada na natureza dos objetos (dentre eles a linguagem) que pode reger os eventos relativos a esses objetos. Assim, a fórmula “ $a = a$ ” e “ $a = b$ ” são estruturas recorrentes em frases do tipo:

- 1) *O João é o João.*
- 2) *O João é o professor de física.*

Quando Platão propôs que a linguagem deveria ter um princípio instrumental para realizar a transferência de sentido de um homem para outro, estabeleceu o princípio da sociabilidade da linguagem, o que foi depois aprofundado por Saussure com a noção de “*langue*”. Frege também não ignora a questão, propondo que exista o aspecto social da linguagem: “O sentido de um nome próprio é entendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou

com a totalidade das designações a que ele pertence.” (Frege, 1978:63).

Outro aspecto a ser tomado e comentado, ainda partindo dos princípios estabelecidos pela concepção de linguagem de Platão, é o fato de existir a possibilidade de se falar aquilo que não existe. De fato, podemos ter sentido, mas não referência: “As palavras ‘o corpo celeste mais distante da Terra’ têm sentido, mas é muito duvidoso que também tenham uma referência. (...) Portanto, entender-se um sentido nunca assegura a sua referência.” (Frege, 1978:63). É a partir desse ponto que podemos falar como a arte entra na teoria de Frege.

Frege preferiu ver a literatura não como a expressão da verdade ou da falsidade (no sentido lógico do verdadeiro ou falso), mas como uma expressão estética, reconhecendo que o sentido tem o poder de nos emocionar pelo prazer. E por sua vez, as sentenças que têm referência podem levar à Verdade, ao conhecimento. Como ele estava interessado em desenvolver uma lógica correspondente entre o mundo objetivo (da razão pública) e a linguagem conceitual, não poderia contemplar a literatura, lugar do sentido sem referência, porque pode se falar da personagem Ulisses sem realmente sabermos se tal pessoa existiu na história.

Platão expulsou da república todos os artistas, por achá-los perniciosos à alma humana, uma vez que deles não é o trabalho da busca da verdade, porém uma imitação do mundo sensível, ou seja, uma imitação da imitação. Ele faz uma célebre divisão entre os níveis de “artífices” que existem no mundo para provar que os artistas estão em último lugar: 1) o primeiro é o princípio demiúrgico (Deus), que fez todos os elementos do mundo insensível, sendo cada um desses objetos, eternos e imutáveis; 2) na segunda casta, estão os homens como os artesãos, que recriam os objetos no mundo sensível; 3) por fim, a terceira casta é a dos artistas, que não vão em busca da Verdade, porque imitam os seres, como o que ocorre quando pintam um objeto feito por um artífice, sendo este também um imitador ou, quando com as palavras, mete “cores” e “sombreados” para descrever os seres.

Frege não expulsou de sua obra os artistas, mas mantém uma posição rigorosa e lógica diante da arte literária, vendo nela apenas o prazer estético e não uma forma de alcançar a verdade. Falando Frege sobre as diferenças e semelhanças ocasionadas no âmbito da representação⁹, chega à conclusão de que

⁹ A **Representação** deve ser entendida como a imagem subjetiva criada no íntimo da mente de uma pessoa. Apesar de todo o

uma pessoa fala a outra dos elementos que suscitam as impressões em sua alma, não sendo possível dois seres terem idênticas representações no pensamento do que lhes é apresentado. Devido a isso, “A questão da verdade nos faria abandonar o encanto estético por uma atitude de investigação científica. Logo, é totalmente irrelevante para nós se o nome ‘Ulisses’, por exemplo, tem referência, contanto que aceitemos o poema como uma obra de arte.” (idem, p. 68).

Por fim, Frege acreditava em um mundo das idéias? Dificilmente poderíamos provar. Entretanto, como dissemos anteriormente, há uma semelhança entre o mundo das idéias e o mundo da referência pública. Talvez nesse meio, encontremos qualquer relação, mesmo porque, a lógica estudada em Frege não se mostra como produto criado pelo homem, mas depreendido por ele. Nesse sentido, podemos pressupor que o mundo da razão pública está próximo da definição do mundo das idéias, muito mais do que o mundo da referência.

As relações entre a GGT, o platonismo e a lógica fregeana

As contribuições que o platonismo e a lógica fregeana legaram à GGT podem ser rastreadas ao longo do seu desenvolvimento. Neste último item, pretendemos comentar algumas das ligações mais evidentes e que comprovam o parentesco entre os três pensamentos. Antes de prosseguirmos, sentimos a necessidade de esclarecer que há outras teorias e conhecimentos gerados no campo da filosofia e dos estudos gramaticais que, de uma forma ou outra, fazem parte do que compõe a “carga genética” da GGT. Dentre esses conhecimentos herdados do platonismo, podemos citar o pensamento cartesiano e os trabalhos dos gramáticos de Port-Royal - que, por sua vez, também devem sua parcela a Platão e a toda filosofia greca.

É na perspectiva de inter-relações que queremos delinear as associações, começando pela relação entre a teoria de Chomsky e o platonismo. O aspecto mais saliente é o inatismo presente nos dois pensamentos, sendo que, para Platão, o inatismo estava associado à idéia das reminiscências de vidas passadas, enquanto que Chomsky observa o fenômeno pelo viés genético nos seres humanos, tomando a capacidade lingüística do homem se expressar como própria da espécie. Mais especificamente, essa capacidade se resume em um “órgão” atribuído à

“mente/cérebro”¹⁰ como um conjunto de propriedades inatas que permitem à criança aprender uma língua sem ter de passar pelo processo de erro e correção, uma vez que ela já tem preestabelecidas as estruturas gerais do mecanismo lingüístico. Essa estrutura é a Gramática Universal. Assim, Chomsky, diferentemente de Frege, assume seu pensamento platônico sob uma perspectiva contemporânea:

Uma variante moderna [da teoria inatista platônica] seria que certos aspectos de nosso conhecimento e entendimento são inatos, parte de nossa herança biológica, determinada geneticamente, como o são os elementos da nossa natureza comum que provocam em nós o crescimento de braços e pernas ao invés de asas. Creio que essa versão da doutrina clássica está essencialmente correta. (Chomsky, 1996:3)

Para apoiar o inatismo, Chomsky se levanta contra o behaviorismo - que influenciara os estudos em diversas áreas como a Psicologia e a Lingüística dos EUA nos anos que antecedem o surgimento da GGT - e passa a discutir algo que havia sido esquecido pelo menos nos estudos da linguagem: a criatividade. Para o behaviorismo, a epistemologia é o empirismo, ou seja, a experiência que faz com que o homem adquira a linguagem e o conhecimento, dependendo de estímulos e respostas do meio em que vive. Ressurge a velha figura da tábua rasa. Visto que esse tipo de postura retirava da linguagem o seu estatuto criador e inovador, Chomsky busca inspiração no modelo platônico e cartesiano para recolocar, de uma maneira moderna, certos princípios. Um deles é o de que com um reduzido número de entidades, por exemplo, de morfemas, regidos por um número menor ainda de leis, consegue gerar um número infinito de frases. Isso parece presente implicitamente no platonismo à medida que prevê objetos no mundo ideal e as leis para seu funcionamento, de maneira que um marceneiro poderia sempre criar um móvel novo de acordo com os princípios. Também em Frege, isso aparece quando fala das partes saturadas e insaturadas como criadoras de sentenças ou equações novas.

Outro aspecto também notável em que Chomsky se apoia para defender o inatismo é a aquisição da linguagem pela criança. Uma vez que os estímulos exteriores, como as frases ditas pelos adultos são entrecortadas, incompletas com entoações e léxicos diversificados, como é possível que a criança consiga organizar todo esse conjunto de estímulos para poder falar em tão pouco tempo? A resposta é o modelo inato, que se

subjetivismo presente nos seres humanos, há elementos que são comuns e que permitem que a arte exista.

¹⁰ “Mente/cérebro” é o conjunto físico-psíquico que comporta tanto as propriedades abstratas do pensamento como as suas propriedades físicas, de uma maneira ainda não explicada convincentemente.

aplica como essência utilizando o exemplo do escravo que responde à Platão. Se a criança aprendesse a linguagem através do modelo behaviorista de erro e correção, a sua aprendizagem duraria *strictu senso* a vida toda. O behaviorismo também não dá conta do grau de criatividade que as crianças desenvolvem enquanto estão aprendendo a falar. Pais e mães constantemente se surpreendem com as frases novas que seus filhos pronunciam nesse período, sem que a criança tenha ouvido semelhante enunciado por parte dos seus pais ou de qualquer outra fonte. Retomando a idéia de “união recíproca das espécies”, que, como vimos, perspassa tanto o pensamento de Platão quanto o de Frege, vemos que seu princípio está presente também na fala das crianças, justamente pelas frases inusitadas e que **fazem sentido**, comprovando que elas têm domínio sobre a união entre as “espécies”. Isso porque o fenômeno da “união recíproca das espécies” é também um mecanismo próprio da linguagem, está diretamente associado à Teoria Temática e, conforme essa teoria pertencente à GGT, é o papel temático que o léxico assume na formulação de frases que seleciona outros léxicos de um determinado campo semântico. Seria o caso de alguns verbos selecionarem determinados léxicos que se referem a seres animados ou inanimados para ocuparem a posição de sujeito na linguagem ordinária, tornando expressões como esta inaceitável:

3) *A pedra entregou o livro.

Diferentemente de

4) a) A pedra atingiu a vidraça.

b) O menino atingiu a vidraça.

No caso (3), o verbo “entregar” requer um sujeito animado, enquanto que “atingir” pode aceitar um sujeito animado ou inanimado¹¹. Como Chomsky está preocupado com a estrutura da sentença, não considera a frase (3) dentro de um contexto literário ou metafórico, porque isso não é interessante à teoria. Semelhantemente, é o que Frege faz, não porque a metáfora não pertença à sua teoria, mas porque, para o lógico alemão, ela não produz conhecimento, haja vista que tem sentido, porém não tem referente, como vimos nas seções anteriores. A opção por um recorte, no caso de Chomsky, pela **linguagem ideal**, no caso de Frege, pela **linguagem conceitual**, assemelham-se porque incluem nos seus *corpora* um mesmo tipo de língua, uma língua que possa refletir a Verdade ou uma verdade, como desejaria Platão.

Para encerrarmos nossa discussão, recapitulemos algumas relações até o momento estudadas: 1) Platão e Frege estão interessados na busca da Verdade: o

primeiro, através da Dialética; o segundo, através da Lógica Moderna; 2) ambos concordam com a inadequação da língua natural para essa apreensão; 3) prevêem mais de um sentido para o mesmo referente, convergindo para a questão da variabilidade no mundo sensível; 4) utilizam o princípio da composicionalidade como técnica de verificação da verdade; 5) a arte não reflete a verdade; 6) a linguagem tem leis gerais e são instrumentalizadas para o relacionamento humano. De todos esses aspectos, o mais marcante na relação entre Platão, Frege e Chomsky é o sexto, que prevê a universalidade da linguagem e seus mecanismos comuns expressos pela “união recíproca das espécies”, o Princípio da Composicionalidade e a Teoria Temática.

Por fim, o que nos deve ficar para uma reflexão mais acurada é a idéia de que, sem uma leitura prévia das teorias platônicas, não teremos uma compreensão melhor do pensamento fregeano e, conseqüentemente, chomskyano. Ademais, a produção do conhecimento ocidental tem sempre se baseado na filosofia grega e a cada instante a recorrência se mostra em vários aspectos que não podem ser esquecidos ou simplesmente deixados de lado, pois, através do conhecimento desses princípios, podemos compreender o *status* atual das ciências lógicas, cognitivas, da Semântica e da Lingüística. Ademais, há outros aspectos que, neste trabalho, não pudemos tratar, mas que merecem um olhar acurado, porque há muitas questões pertinentes à epistemologia lingüística e à história ainda por serem desvendadas.

Referências bibliográficas

- Abbagnano, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- Dummet, M. *La verdad y otros enigmas*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- Chomsky, N. *Linguagem e problemas de conhecimento: conferências de Managua*. Trad. Roberta Pires de Oliveira, 1996. Mimeo.
- Frege, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- Haegeman, L. *Introduction to government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell, 1991.
- Platão. *Teeteto - crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: UFPA, 1988.
- Platon. *Parmênide*. 5.ed. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- Received on July 15, 1999.
- Accepted on September 30, 1999.

¹¹ Para maiores detalhes sobre o assunto, sugerimos a leitura de Haegeman (1991).